



A ILHA DE ANTÔNIO VAZ

POR FRANCISCO DE BARROS E SILVA

ABRIGO DE MONUMENTAIS CONSTRUÇÕES E PALCO DE FOLIAS CARNAVALESCAS, OS BAIROS DE SANTO ANTÔNIO E DE SÃO JOSÉ EXIBEM AS RIQUEZAS CULTURAIS DE RECIFE

“Cruzando-se uma das quatro pontes em direção ao oeste, tem-se a antiga ilha de Antônio Vaz que ainda preserva características que a distinguem do resto da cidade”

Aproveito o ensejo do *Encontro Nacional dos Juizes Federais de 2006* para narrar uma trilha pelo centro histórico do Recife. Precisa-se apenas de poucas horas, um tênis para enfrentar as calçadas de pedra portuguesa e a atenção exigida em qualquer cidade do Brasil. No mais, é exercitar as pernas e os olhos e se reaproximar da história e da arte (pois nem só de praias vive o homem).

Recife começou pelo mar. Nas palavras de Josué de Castro, “a cidade nasceu como porto e a serviço imediato do porto”. Esse é um de seus aspectos singulares: normalmente se constrói o porto para servir à cidade. Aqui, levantou-se a cidade para servir às embarcações. Ocuparam-se as ilhas, transformando-as em depósitos e armazéns. Avançou-se para o continente, facilitando a exportação das riquezas produzidas no interior. Por isso se costuma chamar Recife Antigo o bairro-ilha onde se localiza o Tribunal Regional Federal e o marco zero da cidade.

Cruzando-se uma das quatro pontes em direção ao oeste, tem-se a antiga *Ilha de Antônio Vaz*, que abriga os bairros de Santo Antônio e de São José. Hoje largas avenidas a conectam ao continente. E, por coincidência ou não, é nessa parte, ao sul da antiga ilha, que se concentra o Galo da Madrugada, nas manhãs do sábado de Zé Pereira.

A “ilha” de Antônio Vaz ainda preserva características que a distinguem do resto da cidade. Possui mais de uma dúzia de igrejas e, mesmo antes dos sucessivos aterros, abrigou a administração holandesa e o centro cultural da urbe.

Mas vamos à trilha. O melhor ponto para começar uma caminhada é a Praça da República (ou Campo das Princesas, denominação anterior ao 15 de novembro e ainda hoje tradicionalmente utilizada). Nessa praça,

outrora se erguia o Palácio de Friburgo, de Maurício de Nassau, sobre cujos alicerces foi construído o prédio renascentista que sedia o governo do Estado. Reservando com antecedência, é possível entrar, conhecer seus jardins, seus vários salões, e apreciar uma bela vista do Capibaribe e da tradicional Rua da Aurora, dos versos de Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto.

Na frente da Praça, o Palácio da Justiça, com suas colunas, sua imensa cúpula prateada e dois grupos de estátuas (onde a Lei e a Justiça não se confundem, mas estão lado a lado, acima de todos). Na beira do rio, está o Teatro de Santa Isabel, projetado por Vauthier e adornado com colunas toscanas e esculturas francesas em ferro fundido. Seu palco acolheu Joaquim Nabuco e a causa abolicionista, além dos embates literários entre Castro Alves e Tobias Barreto.

Outra curiosidade do Campo das Princesas é o gigantesco Baobá, que estende sua copa sobre a praça e que sempre me evoca a obra de Saint-Exupéry.

Em seguida, basta entrar na Rua do Imperador, à esquerda do Palácio da Justiça, para alcançar – após poucos metros – o convento de Santo Antônio, da ordem franciscana. A data que aparece em seu frontispício (1770) alude apenas a uma das reformas do prédio, que já aparecia em gravuras de 1630 e 1644.

Trata-se de um típico exemplar do *barroco franciscano*, o qual, como informa Frei Bonifácio Mueller, O. F. M., não possui similares em Portugal. Na frente, há o tradicional cruzeiro; na fachada, conchas e volutas, destacando-se o brasão da ordem, com seus braços cruzados. O templo possui uma torre meio escondida, cujo relógio, juntamente com o da Faculdade de Direito e o do Diário de Pernambuco, por muitos anos ditou a vida da cidade. Dentro, há vários painéis



(alguns infelizmente degradados) e a capela da ordem terceira, conhecida popularmente como a Capela Dourada, pelo seu rico trabalho em talha, com desenhos de flores e frutos (para vê-la, procure o gradil de ferro, do lado esquerdo da nave central). Ao lado, há a Igreja da Ordem Terceira: em barroco-rococó, toda branca, com os detalhes em ouro. Há também o Museu de Arte Sacra, entre as duas igrejas, com imagens dos séculos XVIII e XIX.

Prosseguindo pela Rua do Imperador, na esquina seguinte há o Gabinete Português de Leitura, com suas estantes de jacarandá e seu acervo de mais de 30 mil volumes, de todas as áreas do conhecimento.

Dobrando à direita na próxima rua, a Primeiro de Março (cujo nome evoca uma das vitórias brasileiras na Guerra do Paraguai), desagua-se na Praça da Independência, a Pracinha do Diário – em face das instalações do Diário de Pernambuco (o prédio azul do lado direito), “o jornal mais antigo em circulação da América Latina e a mais antiga publicação editada em língua portuguesa no mundo”.

Ao fundo, é impossível não avistar a Matriz de Santo Antônio, concluída em 1790. Seu “nome completo”, na verdade, é Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio, erguida sobre as trincheiras dos holandeses e sua antiga Casa de Pólvora. Os elementos utilizados nos portais e no restante da fachada principal (novamente conchas e volutas) foram construídos com arenitos dos nossos arrecifes.

Em face de sua localização central e de suas dimensões, a Matriz de Santo Antônio sempre foi importante para a vida da cidade, ao ponto de, em boa parte do século XIX, seu consistório abrigar as eleições para deputados e senadores, pelo distrito do Recife. E atenção solteiras (os): dizem que acender algumas

velas no altar lateral dessa Igreja, onde se localiza a imagem do padroeiro, opera milagres... (cuidado apenas para não causar incêndios).

Do lado esquerdo da Matriz, nasce a Rua Nova, na qual, perdida entre o casario classicista usado predominantemente para o comércio (que infelizmente esconde ricas fachadas com placas e anúncios), está a pequena Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares.

Construída por uma irmandade de soldados, praças e sargentos da antiga guarnição de Recife, observa-se em seu interior o brasão de Portugal (um dos poucos que sobreviveram à independência) e, no forro situado sob o coro, um painel retratando a primeira batalha dos Guararapes. Entretanto, como destaca o professor José Luiz Mota Menezes, sua principal característica é o forro da nave principal, adornado com talhas e pinturas, formando varandas e balaustradas. É um dos “tetos” mais bonitos que já vi.

Como registram os historiadores, até 1853 saía dessa Igreja, durante a quaresma, a *procissão dos fogaréus*, na qual homens armados com tochas e tacapes saíam pelas ruas, representando os judeus à procura do Cristo (inclusive ao ponto de entrarem nas demais Igrejas, com essa finalidade...). Hoje normalmente as chamas se concentram na nave da Igreja, no altar de Santo Expedito, padroeiro das causas urgentes (dependendo de sua pressa, concentre aqui suas orações, Santo Antônio entenderá).

A Rua Nova termina na Rua do Sol, o “cais do poente”, pois, junto ao rio, sem casas para sombreá-la, banha-se de luz solar durante quase todo o dia. Do outro lado do rio, está a Rua da Aurora, agraciada com as primeiras luzes da manhã (lembram-me a música de Alceu Valença: “Rua do Sol, da Boa Hora, Rua da Aurora vou caminhar”). Entre ambas, a Ponte da Boa

“Atenção solteiras (os): dizem que acender algumas velas no altar lateral dessa Igreja, onde se localiza a imagem do padroeiro, opera milagres...”



Vista, que mais parece uma ponte ferroviária, com sua estrutura inteiramente metálica.

Acompanhando a Rua do Sol, há a pequena Praça Joaquim Nabuco com o Restaurante Leite, um dos mais antigos e tradicionais da cidade, fundado em 1882. Sugiro uma porção de bolinhos de bacalhau e uma boa taça de vinho (aí talvez compreenderão por que a rua do lado se chama bucolicamente Rua da Concórdia).

Após mais alguns metros, na Rua do Sol, ao lado do manguezal que margeia o Capibaribe, está a Casa da Cultura – uma verdadeira central de artesanato – no prédio que pertenceu à Casa de Detenção. Mas cuidado: as lojas não funcionam em celas por acaso... Alguns valores são extorsivos.

Voltando pelo *cais do poente*, dobre à direita na Rua das Flores e novamente à direita numa pequena rua, a Camba do Carmo. Por sinal, não espere encontrar tantas flores na rua homônima, assim batizada mais em função de suas antigas moradoras (*polacas*) que de inflorescências coloridas.

A Camba (típico regionalismo do Nordeste: “estreito por onde a água penetra, na maré alta, e que esvazia quando as águas refluem na baixa-mar”, diz o Houaiss) termina na Basílica de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade.

No local, existia outrora o Palácio da Boa Vista, residência do Conde Maurício de Nassau e que escapou à destruição da cidade, determinada pelos holandeses em 1645, durante a Restauração. Décadas depois, o prédio encontrava-se em ruínas e foi doado à Ordem Carmelita, para construção de um hospício e de uma capela. Daí surgiu o convento do Carmo Velho, posteriormente ampliado até os padrões do atual templo, elevado a basílica em 1917. Há quem afirme que a torre do Carmo “ainda é resto do palácio de Nassau”. De qualquer modo, suas paredes externas, para se ter idéia,

medem mais de dois metros de espessura. Sua nave possui nove altares laterais, terminando em três capelas-mores. Se puderem subir as escadas, o coro da Basílica é todo em jacarandá, adornado por colunas salomônicas.

Ao lado, está a Igreja de Santa Teresa, da Ordem Terceira do Carmo (aqui, nas procissões, usa-se o hábito preto com a capa branca, enquanto a Ordem Terceira franciscana se veste de tons grises). Mais modesta, de frontispício simples, no seu interior anjinhos barrocos convivem com elementos coloniais (os púlpitos, p. ex.), confluindo-se para um estilo mais eclético.

Ao sair da Igreja, basta olhar para frente: ali no alto estão duas torres brancas, coroadas de balaústres de pedra. É só atravessar a Avenida Dantas Barreto e seguir pela pequena ruela (Rua São Pedro) que conduz ao Pátio homônimo, onde à noite normalmente há apresentações musicais (estilo Cordel do Fogo Encantado, Nação Zumbi, entre outros).

A Concatedral de São Pedro dos Clérigos se distingue logo pelo seu Portal, com almofadas bastante trabalhadas e as armas de São Pedro, prolongando-se até alcançar a janela alta. Lembra (propositalmente) Santa Maria Maggiore, em Roma. Nas palavras de Câmara Cascudo, o templo produz um “efeito inesquecível”, com seu pórtico e sua nave octogonal, decorada por trabalhos de talha dourada e jacarandá-mármore de Lisboa.

Ao sair do pátio, basta adentrar ainda mais nas ruas estreitas do Bairro de São José. E aí não tem como esquecer: dobre à direita na Rua Direita! Em seguida, atravesse qualquer estabelecimento comercial ou qualquer das vielas, para chegar à Rua das Calçadas. Se esquecer, pergunte pelo Mercado de São José. Quando estiver perto, começará a perceber o cheiro de temperos secos, de frutas maduras, de peixe, entre outros. Não tem erro, está no caminho certo.

“Sugiro uma porção de bolinhos de bacalhau e uma boa taça de vinho, aí talvez compreenderão por que a rua do lado se chama bucolicamente Rua da Concórdia”



Pois bem, na frente do Mercado (que possui mais de 3,5 mil m² e artesanato em barro, corda e palha, a preços bem mais acessíveis que os da Casa da Cultura) encontra-se a Basílica de Nossa Senhora da Penha, de estilo coríntio. Ao olhar para cima, procurando a Concatedral de São Pedro dos Clérigos, um olhar mais atento talvez já tenha notado seu zimbório, adornado com a imagem da Penha, e suas lancetas. Enfim: uma cúpula e duas torres pontiagudas, prateadas.

Seus arquitetos, segundo dizem, inspiraram-se na Chiesa di San Giorgio Maggiore, em Veneza, obra de Palladio (e, de fato, vendo as fotos, a fachada principal é muito semelhante, ressalvados os pórticos laterais do templo pernambucano). Dia de sexta o pátio do Mercado se enche de movimento, pois, além da tradicional feira, os frades capuchinhos (da mesma ordem do falecido Frei Damião) rezam a missa a cada hora e, nos intervalos, concedem a bênção de São Félix de Cantalice, aspergindo litros de água benta nos fiéis. Não tem *mau olhado* que resista. Conta Gilberto Freyre que “os capuchinhos têm fama de homens terríveis por trás de suas barbas secas, e por isso se diz que o Diabo tem mais medo deles que dos outros religiosos”.

Voltando para a Rua Direita e seguindo em frente, há o Pátio do Terço, com a Igreja de mesmo nome. Mais modesta, destaca-se pela sua torre, com azulejos, jarros ornamentais e uma bonita balaustrada. No carnaval, na segunda-feira, ocorre a Noite dos Tambores Silenciosos, onde dezenas de maracatus e afoxés se reúnem em memória dos negros mortos durante a escravidão.

No final da Rua Direita, encontra-se o Forte das Cinco Pontas, o *Vijfhuck* dos holandeses, a última fortaleza a ser rendida pelas tropas luso-brasileiras.

Interessante é que após a Restauração Pernambucana seu desenho foi alterado, substituindo-se o padrão pentagonal pelo quadrangular. Há séculos, portanto, ostenta apenas *quatro pontas*, não obstante permaneça seu nome de batismo. De qualquer modo, hoje abriga o Museu da Cidade do Recife, onde o visitante pode conhecer a evolução da cidade.

Na volta, uma boa opção é retornar pela Rua Direita, que lhe deixará no Pátio do Livramento, com a Igreja homônima, consagrada a Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pardos. E ali perto há a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (com uma bonita galeria, no corredor lateral, e uma imagem da Senhora do Rosário no nicho da fachada). Assim, de pardos e pretos, foi construída nossa capital.

Se estiver cansado, siga em frente até a Avenida Nossa Senhora do Carmo, ande em direção ao rio e, no Fórum Estadual (prédio azul, onde outrora funcionou o Grande Hotel), retorne ao Campo das Princesas pela Rua do Imperador.

Se ainda tiver resistência, aproveite para cruzar o rio, em direção ao Recife Antigo. Do outro lado, há a filial pernambucana da Livraria Cultura e o shopping Paço Alfândega (instalado em um prédio antigo, da Alfândega do Porto), em cujo piso superior há um pátio com vista para o rio e para o mar. Bom lugar para algumas fotos (e, conforme o caso, para matar a fome). Ao lado do shopping há a Igreja da Madre de Deus (no momento está em reforma, queira Deus – e nossa venerada Mãe – que em novembro já esteja aberta). Depois é só retornar pela ponte seguinte, novamente ao Campo das Princesas.

Por fim, em caso de dúvidas, há um mapa turístico disponível no sítio www.recife.pe.gov.br/pr/sectorismo/mapaturistico.php. Boa viagem!

“Se estiver cansado, siga em frente até a Avenida Nossa Senhora do Carmo, ande em direção ao rio e, no Fórum Estadual, retorne ao Campo das Princesas pela Rua do Imperador”

Francisco de Barros e Silva é Juiz Federal em Pernambuco.